

A BATALHA

Ao entrar no oitavo ano da sua publicação, A BATALHA saúda e felicita o povo trabalhador

HA MALES...

Ataques que tonificam

Eu podia, para encher os linguados que me pedem para este número festivo da *Batalha*, discretear acerca da vantagem que o operariado tem em possuir na Imprensa um órgão diário de defesa e de combate, o que aliás o mesmo operariado já conhece por experiência, ou, se preferisse enveredar por outro caminho, narrar certos casos ocorridos adentro do jornal, durante o tempo em que estive à sua frente, alguns deles assaz curiosos, como o de me ter visto constrangido, em mais de uma circunstância, a ser como que juiz-de-paz entre leitores que aqui vinham trazer as queixas mais estrambóticas, forçado, mais de uma vez, após demoradíssimas e agitadas audiências, feitas em plena redacção, a conciliar as partes de bengalão em riste, para evitar que aqui mesmo se engalfinhassem.

E, se quisesse falar dos rapazes que nos primeiros tempos comigo trabalharam na redacção — todos, como eu, operários tipógrafos, à exceção do arguto Quartim, que há bons 23 anos conheci em Viana-dos-Castelos, quando me fôr levar, para o *Lutador*, um furbundo artigo contra um malcriado padrão, e que, além de chefe da operosa oficina, era o abalizado cozinheiro da *Batalha* — se me dispusesse a tocar esse bordão, não me seria difícil recordar um ou dois singulares episódios do elemento mais excentrico, mas também do espírito mais opulento da redacção, o inconfundível Perfeito de Carvalho, que mais tarde me ia estragando o Mário Domingues, rapaz cuja vocação eu advinhei, sentindo-me contente de o ter feito transitar da banca dum escritório para a do jornal.

Prefiro, porém, ocupar-me do assalto à *Batalha*, não propriamente para me deter na narração da torpe façanha, tão ignobil que os individuos que, pela calada da noite, a levaram a cabo, não tiveram até hoje a coragem de reivindicar em público as responsabilidades da sua autoria, mas para concluir que os efeitos apurados foram diametralmente opostos aos que tinham em vista os assaltantes.

Por essa data — meados de 1920 — atravessava a gazeta uma das suas crises mais sérias, crise que poucos antes me levava a publicar um artigo com o título *Isto vai mal, amigos!*, apelando, mais uma vez, é claro, para a inexaurível solidariedade material do proletariado, porque com a sua solidariedade moral contávamos nós invariavelmente. O nosso brado não fôrava lançado em terreno sáfaro, como de resto o não tem sido tantos outros, vindo a propósito dizer que se houvesse ali alguém de paciência beneditina que se propusesse organizar uma estatística do dinheiro com que a parte consciente da classe operária tem contribuído para o seu diário, e para as iniciativas por este agitadas, apurar-se-ia uma soma que de tão elevada pareceria fantástica.

Aquele apelo foi, pois, ouvido, mas o sorvedouro que para a gazeta representava o fabuloso custo do papel de impressão era de tal monta que, a cada factura que ao encravado Figueiredo apresentavam no *guichet* da administração, correspondia a queda de mais um dos raros pêlos da sua escaldada cabeça, não servindo a atenuar-lhe o pavoroso fenômeno da descapilação os mirificos projectos em que era e continua sendo fecundíssimo. Entretanto...

... Entretanto, veio o assalto — coisa de pasmar. Foi um mau quarto-de-hora esse, não há dúvida, parecendo-me que ainda estou vendo estatelado no chão o Machado, que os assaltantes, ao que parece, haviam tomado pela minha pessoa, e que só por um feliz capricho do acaso não foi atingido pelas balas.

Adelaide CABETTE

Este é, talvez, o maior "senão". o maior

que lhe furaram a parte superior do casaco, quarto-de-hora esse a que, como sucede em todas as situações sérias, não faltou o lado cômico, trazido então por um fatídico companheiro, que, ao ver a coisa mal parada, deslissou, solerte, para a casa contígua, tendo o mau sestro de marinhar para o telhado que comunicava com a tipografia, onde o Carlos José de Sousa, pouco depois, o lobrigava agachadinho como bichano apavorado, e que, tomado por um dos malfeitos, ia sendo escavacado com os calços-de-ferro das gravuras, únicas armas de que estavam munidos.

O certo é que foi por virtude do assalto que a *Batalha* saiu dum a situação difícil, visto que, graças a ele, além de termos assistido a um dos movimentos de protesto mais eloquentes que o operariado tem efectuado, movimento que nos comoveu pela sua voluntariedade e pela sua grandeza, os fundos então espontaneamente dados ao jornal permitiram que este se resarcisse amplamente dos prejuízos de ordem material sofridos, e de tal modo que até os móveis da redacção foram galhardamente renovados por operários mobiliários amigos, para que sobre elas mais brilhassem as flores que o Eduardo Freitas e o José Sanchez amíúde nos traziam e que a senhora Rosa — a continúa — tratava com desvelo.

E eis como, de um acto que por pouco não teve consequências trágicas, saiu afinal a *Batalha* com mais vida, o que quere dizer que os resultados do assalto foram exactamente contrários aos intuios dos seus autores. Pretendiam matá-la e retêmperaram-na.

Fevereiro de 1926.

Alexandre VIEIRA

UMA SÓ MORAL

A minha sinceridade e a minha simpatia pela *Batalha* vêm talvez compensar um pouco a minha falta de competência para apreciar, como me pediram, um jornal desses jaez.

Precipitarei por felicitar pelo seu aniversário o intemperado defensor das classes trabalhadoras que passa no dia de hoje, e também pela orientação que tenho observado que ele segue e que tão bem se coaduna com o meu modo sentir, haja visto a campanha moralizadora que a *Batalha* tem feito desasombramento contra as touradas, talvez o único jornal que com deodato aquele bárbaro espetáculo.

Como arauto do povo preconiza a proteção às classes produtoras; da sua leitura ressalta sempre a concepção de principios defensores das classes humildes que são sempre as que mais disso carecem. Calorosamente pois, aplaudo a sua atitude de defensor paladino dos direitos dessa classe de desprotégidos.

Só por vezes dirímos de algumas opiniões não deixei nunca de apreciar como grande batalhador pela união do proletariado intelectual com o proletariado manual que antes da *Batalha* tão divorciados andavam, o que, quanto a mim, era um entrave ao desenvolvimento e realização dos mais belos ideais.

A altivez jornalística dêste bem escrito periódico, torna-se criadora da minha militância, principalmente na sua atitude com respeito à questão feminista, que tão bem tem sido defendida em alguns dos seus artigos.

Bem hajam!

As mulheres têm tanto direito a ver questões as algémas que ainda lhes apertam os pulsos como os homens.

A mulher escrava não pode ser boa mãe, nem boa esposa.

A mulher escrava torna servil o carácter dos filhos que gera e educa. E todo o homem que não se preocupar com o estado de escravidão da sua mulher e das suas filhas continuaria a ser escravo de alguém. Marido e mulher devem sempre marchar juntos no caminho do seu ideal — a perfeição humana.

Não basta mudar de regime, é preciso mudar de moral, destruir os arcaicos princípios de privilégio de classe e de sexo. E' preciso uma só moral para todos os que povoam a Terra.

Como republicana velha ou como velha republicana, tendo sido educada nos sóis princípios democráticos de um idealismo puro, estou hoje onde estive sempre e por isso não me assustam os ideais dos que vão mais além do campo onde tenho sempre militado, contanto que esses ideais tenham por fim o bem estar da humanidade.

Adelaide CABETTE

AI DOS VENCIDOS!

Maleabilidade ou rigidéz?

Na passagem do aniversário de *A Batalha*, em que esta terá de passar em revista os factos mais palpáveis da vida revolucionária do proletariado português, afigura-se-nos não ser demais focar um dos seus aspectos mais interessantes na hora que passa.

Não o faremos, certamente, com aquela competência literária e profundeza de visões que tão magno assunto comporta. Para tanto falhamos os necessários recursos intelectuais, supridos apenas por um pouco de experiência e de vontade.

Queremos referir-nos ao que se convencionou classificar de "rigidéz de princípios" e que, naturalmente, supõe rigidéz de atitudes em militantes da causa da liberdade e do sindicalismo revolucionário.

A cada passo se ouve:

— *Fulano...* é demasiadamente rígido.

E logo a seguir:

— *Nós* não devemos ser assim... E' preciso ser-se tolerante, um pouco mais malével... Não vivemos num meio em que a consciência individual já esteja formada... E temos que atender às circunstâncias, aos momentos, às conveniências... E' preciso contemporizar...

Contudo, os inimigos do operariado, os adversários conscientes ou inconscientes, do princípio de auto-determinação libertária e emancipadora das massas laboriosas; todos os que assentam a sua ação no sistema social vigente ou num programa político-partidário, que impõem uma disciplina e um método, num deixaram de ser rigidamente consequentes com os seus princípios e não recuam perante os meios, sejam quais forem, para fazer vingar os seus pontos de vista particulares.

Enquanto catequismos, na ânsia de arrigimentar prosélitos, não abandonam os seus pontos de vista teóricos. Na prática, procuram realizar ou determinar os factos em conformidade com o que previram nos seus programas de realizações.

Ja borguista, na gestão do seu sistema económico-social, não abdicou dos seus pontos de vista, transigindo com o sistema feudal. Os restos do feudalismo foram plenamente batidos, ficando apenas do passado, aquilo que não perturba o sistema burguês, e que, de algum modo, poderia contribuir para a sua consolidação.

Dentro do regime burguês não são despresados os processos rígidos de violência e de captação: nem a fôrça de todos os poderes de violência do Estado, nem as várulas de segurança consubstanciadas na religião e na ficção democrática.

A burguesia manejá habilmente aqueles recursos para manter a estabilidade do seu regime. Aproveitou certos acontecimentos, e, se num ou noutro país se consolidou, após a guerra, estabelecendo os variados sistemas de despotismo, nos restantes e para o mesmo fim pôs em movimento todas as outras forças de reacção não desprezando nem processos nem modalidades de adaptação.

No terreno religioso mobilizou mulheres e eunucos para a catequese, obra destinada a castrar as energias vitais populares; no terreno político, dispôs em seu favor as forças avançadas da democracia.

Paralelamente ao acréscimo e intensidade da ação religiosa, existe a não menos perniciosa luta de consolidação do Estado para os partidos chamados da "esquerda" politica.

E como se fôra pouco a existência das "esquerdas políticas" como correctivo às aspirações proletárias de liberdade pela destituição de todos os poderes do Estado, surgiu as "esquerdas sociais", derivativas conservadoras animados dum pseudo espírito progressivo, qualquer coisa assim uma sugestão destinada a enganar o "menino", o proletariado ingênuo, "para lhe comer o pão" — ou seja, para manter o escravo.

São verdadeiros laços triângulos em que não poucas vezes se tem caído entre nós, graças à nossa inculta revolucionária e libertária e à nossa boa fé. Somos demasiado simplistas, e tão simplistas, que quando se faz uma luta adveritência, logo surge o excelente camarada, animado dum mal compreendido espírito contemporizador, a increpar a "rigidéz" daquela que prevê ou que predomina uma nova classe ou uma nova casta composta pelos mais espertos.

Em qualquer dos casos o perigo é evidente. Não se evitaria este perigo se se alargassem e criassem raises o espírito maleável de adaptação de transigência, embora com o aspecto risonho, mas falso, dumas forças avançadas da democracia.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

A falta de rigidéz de princípios, dos principíos revolucionário-libertários oferece o flanco da classe trabalhadora aos ataques, ora descovertos, ora mascarados, de todos

os forças de reacção.

Esta reacção apresenta-se-nos com dois aspectos: o primeiro é a infiltração política, representada pelos partidos avançados, cuja obra não se apresenta senão como um imperativo de consolidação do Estado; o segundo, que se nos apresenta um pouco mais complexo, é a tendência, que vai criando adeptos nas fileiras burguesas, de fixar uma directriz conservadora ao sindicalismo, uma vez que este, correspondendo em certo modo à própria evolução industrial que determina uma maior proletarização das classes, pode ser suscetível de adaptação a novas modalidades sociais em que figura predominante uma nova classe ou uma nova casta composta pelos mais espertos.

Em qualquer dos casos o perigo é evidente. Não se evitaria este perigo se se alargassem e criassem raises o espírito maleável de adaptação de transigência, embora com o aspecto risonho, mas falso, dumas forças avançadas da democracia.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sindicalismo confuso, incolor, inexpressivo e por isso mesmo sujeito aos "val-vens da sorte"... burguesa.

Em qualquer destes três polos poderá conduzir o espírito maleável e contemporizador, e, quando menos, ao primeiro: a um sind

nhã ou no dia do descanso, estou certo de que teria sucumbido, como sucumbiram lá fora tantos outros diários operários apenas doctrinários e circunscritos aos interesses das classes.

* * *

Sim. Logo no primeiro ano da sua publicação *A Batalha* sofreu varia críticas e reclamações dos insatisfeitos, mas os descontentes nunca a abandonaram, não lhe retiravam o seu apoio moral ou material, como o atesia o aumento constante da sua tiragem que foi de 7.503 exemplares até 18.000—elevada tiragem esta que permitiu ao porta-voz da organização operária portuguesa ocupar o terceiro lugar, depois de *O Século* e o *Diário de Notícias*, na imprensa de Lisboa.

Bons tempos esses! Na minha memória desliza, neste momento, toda aquela rapaziada leal, idealista, afectuosa, que boas, todas as noites, nos visitava na redacção a sugerir assuntos, a levar notícias, a oferecer artigos, amigavelmente, solicitamente, sem imposições nem pretensões. E na noite seguinte lá os vimos de novo contentes porque aprovavam os mais interessantes pormenores da sua notícia, e, para um éco, apenas o melhor pensamento do seu artigo e os que não tinham de qualquer maneira sido atendidos, não se mostravam ofendidos ou despeitados por isso, confiados, como estavam, em que os camaradas que faziam o jornal tinham tanto ou mais interesse do que éramos em que *A Batalha* fosse o melhor possível!

* * *

Bons tempos esses! Recordo com saudade e muito afecto os meus camaradas de redacção: o Alexandre Vieira, correctíssimo e lealíssimo sempre, impondo-se-nos a todos pelo seu moral e pelo seu critério experimental e seguro; o Perfeito de Carvalho, o excéntrico Perfeito de Carvalho, cultíssimo, talentoso e espirituosíssimo; o Sá Pereira, o travesso, que com as suas garotices era quem obrigava o Vieira a repetir mais vezes durante a noite: «Olhem que só têm mais cinco minutos... Rapazes, já passaram os cinco minutos; agora vamos a isto».

E voltava-se águila, que se fazia prasenamente porque não se trabalhava por dever de ofício, mas com alma, com fogo, por idealismo. Não nos considerávamos nem o Alexandre Vieira, director independente e autónomo, nos considerava como empregados, mas como propagandistas e militantes, e o operário tinha por nós aquela consideração natural de que são tredores aqueles militantes que ocupam no combate os lugares mais expostos e de maior risco.

Também nunca conheci redacção tão fácil de cheifar. Os assuntos eram os redactores que sugeriam e não havia dentre eles quem ocultasse uma notícia ou reservasse uma ideia só para não ter o trabalho de a escrever ou de a expôr. Destarte o original super-abundava. E que faltasse? O Quintanilha, o Sobral, o Emílio Costa, o Manuel Ribeiro, o Neno Vasco—querido Neno!—tanto outros, não tardaram a surgir à porta com o seu artigo escrito tão só pela necessidade de o escrever!

Ao recordar os colegas de redacção desse tempo, não posso deixar de envolver na mesma saudade enternecida dois elementos da administração do jornal: Francisco Cristo e Eduardo de Freitas. O primeiro, já falecido, pelas suas qualidades pessoais: bondade, espírito folgazão, certa candura e honradez; o segundo, pela sua extraordinária dedicação e serviços salientes prestados a *Batalha*.

Com cuidados e delicadezas de dona de casa, rabujento quando encontrava os jornais desarrumados e os papéis espalhados pelo chão, desempenhando os serviços de um continuo zeloso, a Eduardo de Freitas devíamos nós a alegria de ver todos os dias flores frescas nos solitários das secretárias, única nota de beleza e de vida naquela soturna oficina, como naquele tempo se chamava a redacção. Parece que na tipografia não costavam muito deles... A redacção, porém, só lhe devia atenções.

* * *

Que belos tempos aqueles! Que fé, que entusiasmo, que elevada e viva aspiração! Também sem isso o empreendimento teria desde logo soscobrado. A escassos do dinheiro, a-pesar da assistência activa do operário, sendo de inteira justiça salientar a que lhe foi prestada pelos operários do Arsenal do Exército, impunha sacrifícios e economias.

A manutenção de *A Batalha* exigia isenção e excesso de esforço. Alexandre Vieira, o redactor principal, era também o secretário geral da U. O. N. e trabalhava ainda como tipógrafo no Anátrio Comercial. Esta acumulação de trabalho, que ia, matando, tornava bem pouco invejável e nada desputável o seu logar. Sá Pereira e Perfeito de Carvalho, ambos tipógrafos, concluída a sua tarefa redactorial, iam ainda para as caixas dar uma ajuda, quando na tipografia o jornal se atraçava.

O mobiliário da redacção não era modesto, era paupérrimo: um armário—o mesmo que ainda hoje existe—uma grande e horrenda mesa no centro e uma meia dúzia de frágeis cadeiras.

A iluminação era tão deficiente que um dos redactores—não digo o nome para que se não riam à sua custa como faziam os camaradas tipógrafos—para rever as provas—cada redactor era o revisor da sua própria prosa—tinha que subir para cima da mesa para se aproximar da lâmpada.

Mas basta! O Arranha recomendou-me uma coluna e o que para aquela já está, excede em muito. As recordações são como as cerações... Também só a recomendação do Arranha me deteria, pois confesso que é com prazer grande que estou revivendo esse bom tempo e evocando essa expedição camaradagem de então. Mas, na verdade, é forçoso pôr o ponto final. Estas coisas só interessam a mim e talvez àqueles que também viveram essa época e sintam pesarosamente, como eu, o desmembramento daquela família, pequena é certo, mas unida, afectiva, prestante, animadora e estuante de fé e de ideal.

Aos novos, que lhes importa o que lá vai se não têm passado? se, como em toda a mocidade, só o futuro os preocupa, os ilumina e os chama?

Que elas relevem esta mação de um imponente idealista que tem saudades do passado, sim, mas que não perdeu a fé no futuro; e que me permitem esta declaração com que termino: Foi na convivência e com o exemplo e o verbo ardente dos velhos camaradas que encontrei na minha juventude, que temprei as convicções que ainda em mim se conservam integrais, vigorosas e inabaláveis a todos os revisionismos.

Pinto QUARTIM

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil as boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

Para que A BATALHA viva!

TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

No São Luís

Alsaciana e O Pobre Valbuena.

Recordar o aniversário de *A Batalha*, a perseverança e o esforço hercúleo das camaradas que, em 23 de Fevereiro de 1919, arremessaram à publicidade o órgão diário—porta-voz da organização operária—que veio preencher uma lacuna na imprensa portuguesa, quebrando o silêncio profundo que, em redor da vida proletária, se sentia, é reviver uma das páginas mais brilhantes e heróicas que a epopeia do movimento sindicalista revolucionário registra!

A Batalha, em plena mocidade ainda-se a anos apenas—já marcou digna e honradamente o seu lugar!

A Batalha, longe de ficar desalentada ou derrotada nos momentos amargos e difíceis das cruentes agravas que o combate proporciona, em busca do melhor bem-estar mantém a agitação periódica e ativa, através de rudes privações e sacrifícios.

Os rapinantes egoistas e ferozes que à sua volta esvoacam, pretendendo feri-la de morte, para lhe emudecer a voz vibrante, criam a *Batalha* energias renovadoras; geram-lhe inovadivas dedicações e decididas vontades que a fazem mais próspera e respeitada.

O seu temperamento rebelde e hostil, com tódas as imoralidades que contam e menosprezam a dignidade e honra do proletariado, tem feito com que o seu activo registe constantemente: querelas, censuras, preavações, assaltos, encerramentos e até estocadas daqueles que se rotulam de camaradas! Mas, a cada golpe que recebe, *A Batalha* consolida-se e redobra de simpatias.

Todas as perseguições que lhe movem nem por isso lhe abalam os sólidos alicerces, delineados pelos seus fundadores e sucessivamente reconstruídos e ampliados por camaradas dedicados!

Na peleja encarniça que trava contra os latrocínios desta sociedade, os seus caracteres autopsiam e rebatalham: todas as infâmias, infições e vêxames, lançando na lama a podridão dos hediondos e impunes crimes...

A-pesar da sua juventude ser acidentada e pejada de viciosidades, já conseguiu formar também a sua prole: *O Suplemento Semanal Ilustrado, Renovação e Almanaque*, que tem funções nitidamente demarcadas. E com o seu hino, inicute-lhe as belas redentoras do futuro, semeando e esparcendo as ideias emancipadoras!

* * *

Confrage que este labor insano não seja compensado fábrica da classe a que pertence—empregados no comércio—acorrendo aos seus chamamentos e exortações a-fim de integral e conscientemente adquirir a sua emancipação.

Inelízivel é doloroso constatar este facto, mas espesso, entretanto, que esta desgraçada classe acorra ao chiamamento dos seus militantes, dando-lhe as energias que lhe faltam, para que o seu posto na organização seja marcado como tem jas, e o seu concuso seja compensado em prol das suas reivindicações.

E que fazer, pois, para que *A Batalha* frutifique, se desenvolva e progreda?

Para que o seu funcionamento não afrouxe a marcha gloriosa, devemos dedicar a nossa tenacidade e coragem à causa sindicalista, intensificando-lhe a harmoniosa existência orgânica, desenvolvendo a nossa acção, esforçando-nos para que os sindicatos sejam aderentes às respectivas Federações de Indústria, Câmaras Sindicais e C. G. T., influindo nas suas decisões, com consciência. E é desse fluxo que sairá vigor, colorido e beleza. Simões Dias sentiu-o e interpretou-o, eis tudo!

Os *Cantares do meu país*, de Tomás de Lima são uma delicadíssima renda de motivos populares portugueses que o autor orquestrou com cuidado e fluência. Há abundância de són, beleza de ritmo e muito movimento. O *Eterno enigma*, de António Eduardo de Costa Ferreira, é também uma página muito bem urdida em que se denuncia o mérito de sinfonista do autor.

A Orquestra Portuguesa foi animada e homogênea como sempre, interpretando com elegância as danças do Príncipe Ygor.

A valsa da Ravel, composição dumadeleira contextual, foi desenhada com muita sobriedade pelos naipe que nela predomíniam.

A BATALHA

Autoridades e polícias da P. S. E. que provocam desordens e têm cadastros como ladrões

DESPORTOS

FUTEBOL

O X encontro do Campeonato

Sob esta epígrafe referiu-se *A Batalha* de sábado à forma como se recruta gente para as diversas brigadas policiais e à facilidade com que se entregam cartões de autoridade e pistolas a indivíduos cadastrados e recrutados especialmente para a chamada Polícia de Segurança do Estado.

Tudo quanto dissemos foi parte bascado nas notícias publicadas em jornais, e que em dois dias não foram refutadas, e parte em informes que colhemos de fontes de confiança.

—Fora contratado para a «tournée» artística Gil Vicente deu diversos espectáculos em Vila Franca de Xira, Grandola, Alcacer do Sal, encontrando-se em Lisboa para seguir novamente para Vila Franca de Xira, Bombarral, Santarém, Alegrete e Aldeagalega, donde segue para o Alentejo e Algarve, vindos no seu regresso a Lisboa para seguir para as ilhas.

—Fora contratado para a «tournée» artística Gil Vicente o actor Pinto Júnior.

—Anunciar a revista «Foot-ball» é o mesmo que garantir duas encantadas no Barreiro, a pedir-nos que por amor à verade recifícassemos a parte da notícia que se refere ao seu parente.

Afirmaram-nos essas criaturas que o caso, segundo o testemunho presencial de vários indivíduos, não ocorreu como se disse. A pistola, afirmaram, não era do Mortágua mas do guarda fiscal que o matou e as fadas foram vibradas traçoado por este quando a arma caiu no chão por um puxão que o Mortágua lhe deu.

Mais nos afirmam não ser verdade a vítima ter cadastro como desordeiro e gatuno e ter pertencido ultimamente à P. S. E. O Mortágua, dizem-nos, tinha certo um carimbo da administração do Seixal, em que esta justificava ser ele o guarda de algumas propriedades.

—Rectificada esta parte, o resto está perfeitamente certo.

Não foi menos surpreendente o resultado do encontro no Campo Grande.

O Casa Pia que chegou a fazer 2-0 sobre o campeão de Lisboa, chegou aos noventa minutos com um empate que não traduzia afinal como um resultado que se ajuste à natureza do jogo feito.

O Sporting jogou mais e tive melhor, mas os números não se compadecem com isso e o resultado oficial foi este, por enquanto.

Dizemos por enquanto, porque informam-nos ter o Sporting protestado, junto da Associação, da decisão arbitral.

O árbitro foi deficiente nos seus juízos e decisões; os homens do Sporting viram-se prejudicados, em seu entender, sistematicamente e protestam.

Jorge Vieira de costume sempre sereno e correcto, em face do que julgou ver, nas decisões do árbitro, incompetência ou mal-entendido perdeu a linha habitual e destrampehou.

Aguardemos o desfecho.

Nas categorias inferiores os Belenenses ganham em 2.º e 3.º por 5-0 e 3-2 respectivamente, perdendo em 4.º que o Carcavelinhos arrancou por 3-2.

Sporting e Casa Pia empatam por 2 bolas.

Não foi menos surpreendente o resultado do encontro no Campo Grande.

O Casa Pia que chegou a fazer 2-0 sobre o campeão de Lisboa, chegou aos noventa minutos com um empate que não traduzia afinal como um resultado que se ajuste à natureza do jogo feito.

O Sporting jogou mais e tive melhor, mas os números não se compadecem com isso e o resultado oficial foi este, por enquanto.

Dizemos por enquanto, porque informam-nos ter o Sporting protestado, junto da Associação, da decisão arbitral.

O árbitro foi deficiente nos seus juízos e decisões; os homens do Sporting viram-se prejudicados, em seu entender, sistematicamente e protestam.

Jorge Vieira de costume sempre sereno e correcto, em face do que julgou ver, nas decisões do árbitro, incompetência ou mal-entendido perdeu a linha habitual e destrampehou.

Aguardemos o desfecho.

Nas categorias inferiores o Sporting saiu facilmente vencedor, em segundas e quartas categorias por 4-2 e em terceiras pelo pouco vulgar resultado de 14 a 0.

O Vitoria derrota o União por 6-1

Em Santo Amaro o grupo setubalense fez mais três pontos que aumentando-lhe a classificação, por resultado da sua vitória sobre o União, se valorizaram ainda mais, colocando-se no primeiro plano, merecendo resultados do Restelo e Campo Grande.

Explica o crescente valor e unidade do Vitoria, mas também a falta de dois dos melhores e mais antigos elementos do União, que assim viu diminuídas as suas possibilidades.

Nas segundas e terceiras categorias teve o Vitoria novos triunfos; difícil em segundas das por um escasso 5-4, em terceiras por 4-1. Em quartas tem o União a primaria por 2-1.

Benfica bate o Império por 7-1

Triunfo previsto, embora não calculado por tão elevado número de bolas, visto o Benfica não poder, por doença, alinhar três dos seus melhores, além doutras substituições.

O Império, grupo forte em constituição física, mas fraco em associação, tem-se deixado continuamente bater sem remissa e já não lhe é dado o direito de fugir ao último lugar. Os «vermelhos» jogando bem, embora com monotonia, foram marcando as sete bolas com relativa facilidade e com brilho por vezes.

Nas outras categorias firmaram-se bem, embora o Império por 6-2 em segundas, onde reapareceu «a tapar um buraco». Ribeiro dos Reis, comprovando assim os seus méritos de dedicado desportista e amigo do seu clube; em terceiras por 4-1 e em quartas por 5-0.

Pórtio—Braga, 3-0

Braga, 21. — No encontro inter-cidades aqui efectuado, o Pórtio venceu novamente Braga por 3-0. Com quanto esperado e assistido de muita animação, os dois grupos representativos estiveram abaixo do seu valor tendo Braga jogado meio-tempo com dez jogadores por um dos defesas se haver magrou. Ilídio Nogueira arbitrou a contento.

Figueira bate Coimbra por 4-1

As selecções de Figueira e de Coimbra encontraram-se ontem naquela cidade, tendo saído esta vencedora após um domínio acuado por quatro bolas e uma do adversário. Arbitragem feliz de Bugalho.

TEATRO DO GIMNÁSIO

Directo artística de Gil FERREIRA

TELEF. C. 2814

A BATALHA

UMA DATA OPERÁRIA

As festas comemorativas do 7.º aniversário de A BATALHA iniciaram-se anteontem e têm decorrido com grande brilho

A BATALHA

SUPLEMENTO SEMANAL ILUSTRADO

SEMANARIO DE DOUTRINA, EDUCAÇÃO E CRÍTICA

SINDICALISTA

Propriedade da C. G. T. PORTUGUESA

Esta publicação, colaborada pelos mais conhecidos propagandistas sociais, pelos mais cultos militantes operários e pelos mais ilustres escritores da vanguarda, substitui as segundas-feiras o diário A Batalha. — 8 páginas. Preço 50\$0 o número.

A venda os 1.º e 2.º anos encadernados, em volumes separados, com uma capa em percalina ilustrada a cores, e com índice da matéria contida em cada volume, aos seguintes preços: cada volume com 420 páginas, 45\$00; encadernação, capas, índice, 20\$00; capas e índice, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à

Redação, Administração e Tipografia

Edição do Combro, 38-A, 2.º

LISBOA

TELEFONE 539-TRINDADE

A imprensa é uma extensão, quando bem manejada, da voz e do pensamento humano

Se a verdadeira imprensa é, no dizer do esclarecido autor do *Manuel des Gens de Lettres*, uma das coisas mais dignificadoras e tem caracteres que a enobrecem — essa verdadeira imprensa encontra-se mais propriamente representada em jornais como A Batalha.

Os jornais que não vivem das estupidez das classes ignorantes que as devoram, que não são armas perigosas «da ambição de um homem ou um tráfico desavergonhado com as paixões de um partido» — é que se tornam a primeira das potências, é que coroam de razão o pensamento, tornando-o exacto, do Barão de Tanneguy de Wogan: «A toda a hora, esta força, que trabalha tão seguramente para a expansão da sociedade do amanhã, é o éco vibrante das ideias, das necessidades, das aspirações mortificantes da massa humana».

Segundo aquele fino psicólogo da vida intensa do jornal, limpa ou corrompida, durante a Restauração (em França), o jornal era uma bandeira e o jornalista um soldado, o soldado duma «idéia». Pois bem: durante este psíquico período de fervescente tentativa restauracionista por parte dos nossos ridículos Pangalos, A Batalha é uma flântua e os que nela escrevem, com amor, uns marinheiros — que perecerão com o último farapo desfeito pela procela do revés e com o último destroço da quilha dos seus sonhos submerso no sangue dos massacres reacionários...

Num momento em que o porta-voz da organização operária, acossada por toda a ordem de vicissitudes impostas pelas sistemáticas perseguições do Estado e do capitalismo e por outros factores morais e materiais, pela última vez dobra o seu capa das Tornadas — evidentemente que as minhas palavras não podiam deixar de ser dedicadas a A Batalha. E' que se, «em 1828, Le Globe, que não tinha mais que 1.800 subscriptores, exercia uma influência mais considerável do que um jornal que hoje conta com 50.000 assinantes» — o nosso jornal está na mesma proporção influenciador relativamente àqueles colossos da imprensa, os quais, declarando-se «defensores da moral» — já o afirmava, categóricamente, Zola, referindo ao *Gil Blas* — estão na sua maior parte vendidos às companhias financeiras, emboscadas na terceira ou quarta página, despojando os sensíveis leitores que nela se aventuram. São ladroeiras mais ou menos discretas...

C. V. S.

Dignifiquemos a mulher

A consciência, comum a dois indivíduos, de se haverem livremente escolhido e amado, longe de qualquer pressão autoritária, longe de preconceitos e ambições, é a pedra sagrada em que assentam os mais explorados templos da felicidade conjugal. Isto escreveu Mantegazza, mas parece que dos seus livros não passou, esse belo conceito.

A prová-lo, está o facto que se vêm verificando, de indivíduos com afirmações de avançados, e portanto os que maior dever tinham de romper o preconceito da união legalizada, recorrerem ao casamento civil, quando não ao religioso, (i) para fundarem o seu lar.

Os tempos esgravaram uma nova necessidade: a necessidade da escrita, de forma a que, melhor do que a simples memória, gravasse à Posteridade, os sentimentos, as ideias e os acontecimentos dum determinada época.

Se as investigações até hoje conhecidas não se foragiram no lógo das fantásticas teorias, a escrita teve inicio nas mais grosseiras garatujas — nas extranhas pinturas e figuras representativas de conhecimentos, acontecimentos, ideias, boas ou más, não se discute.

Ora encontram-se entre os americanos hieroglíficos em que os próprios naturais «aparecem em atitude de atravessar o Oceano», e outras pinturas representando o ditílio e a dispersão dos homens, ora são os chineses a valerem-se de cordeis cheios de nós exprimindo as suas ideias, ora são os peruanos a empregarem-nos «nos registos que continham os sinais do império, o estado das rendas públicas, a forma dos impostos e as observações astronómicas».

Aí que aparece o alfabeto — sucessivamente esterotípado na taboa encadernada, no joelho, na pedra, no papirus, no papel impresso ou caligrafado.

Isto, a imprensa, matou aquilo, a escrita antiga. Gutenberg completa Cadmo, se é que este fenômeno foi o introdutor do alfabeto na Grécia, se é que aquele alemão foi o inventor da imprensa, tão mal tratada nos nossos dias...

Se com o desenvolvimento da palavra, principiaram a pulsar os charlatões de feira a ludibriarem a humanidade, com o desenvolvimento da escrita e da gráfica mecânica, com o desenvolvimento da imprensa, apareceram também os finórios a fazerem *duma das coisas mais dignas*, um vasto campo de manigâncias, de cínicas manobras de especulação, de crimes repugnantes de venalidade.

Assim, se por um lado, como disse Lorenzo, a «imprensa é a manifestação mais grandiosa e potente da consciência e da solidariedade humanas, representadas pela história e pela ciência» — pelo outro, ela é, a falsa, capaz de, por alguns escudos, «inserir um artigo acusando ou designando a quem como culpado de ter assassinado seu pai», como concorda Wogan.

Em França, segundo Tanneguy, «certos jornais só aparecem, por ocasião das emissões: justificando, não se sabe como, uma grande tiragem, elas obtêm uma subvenção e cessam imediatamente de existir...»

Quanto em Portugal não têm desempenhado idêntico papel?

O insuspeito autor do *Manuel des Gens de Lettres*, ao procurar moralizar o jovem jornalista que se sentiu atraído para a vida da imprensa, explica detidamente todas as

Têm decorrido muito animadas as festas comemorativas do 7.º aniversário de A Batalha. Conforme noticiámos e constava do programa, anteontem, os festeiros iniciaram-se pela exposição da sede social, lindamente ornamentada. A Batalha foi visitada por milhares de pessoas que pejavam os corredores, sendo as vastas salas pequenas para conter tanta gente.

A quermesse esteve imensamente concorrida, sendo as rifas disputadas pela verdadeira multidão que encheu a nossa sede.

A explêndida banda da Academia Filarmónica Verdi executou magistralmente variados números do seu vasto repertório. O camarada Manuel Joaquim de Sousa realizou a sua anunciamda conferência *A missão da imprensa operária*.

Ontem prosseguiram os festeiros com mais entusiasmo ainda se é possível, continuando A Batalha a ser muito visitada e felicitada. Continuou a quermesse, sempre muito concorrida.

A Tuna Tondense, dirigida pelo maestro Pedro Catalin, tocou vários trechos musicais, entre eles o *Hino da Batalha* e a *Internacional* que despertaram um entusiasmo indescritível, sendo justamente muito aplaudida. O Grupo Dramático Solidariedade Operária representou com muito brilho a peça em três actos *Gatunos de luta branca*, que foi bem apreciada.

O programa de hoje é igualmente interessante.

A's 19 horas continua a quermesse. — Concerto pelo grupo dramático e musical «Os amigos da paróquia», recitativos pelos muito apreciados alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira, e um acto de ilusionismo pelo artista Eduardo Relvas.

Continuam a afluir os objectos oferecidos para a quermesse, cuja lista publicamos a seguir:

De Alfredo P. de Sousa, 1 casal de coelhos brancos, numa gaiola; de Fernanda dos Santos Brígido, 1 almofada de seda, «cardie-rose», desenhada à pena, com um casal de camponeses e o nome de A Batalha; Lígia Lúcia Soares, uma interessante almofada de setim, 1 morango de Extremoz, 1 pimento de loja fina e 1 cesto de loja; Manuel de Almeida, 6 bandejas de metal branco; Joaquim Scabra, 1 regador de folha pintada, em miniatura; Miguel José Carvalheda (descarregador de mar e terra), 1 caixa contendo 12 sabonetes de Santa Clara; Luís de Azevedo Sameiro, 1 caixinha com 3 sabonetes finíssimos do Sameiro; Manuel de Jesus Picarre (oficial da marinha mercante), 1 caixa com 3 elegantes frascos com perfume violeta, cravo e «extraí Triple»; actor Luciano Marques, 1 bêbê de pasta; Emilia Paula, 1 garrafa de «toilette», com embutidos durados; Quadro tipográfico do nosso jornal diário, 1 belíssimo estojo com uma escova e um pente de prata.

De Henrique Marques, 1 par de finos solitários esbatidos e uma almofadinha com fitas de setim entrelaçadas; Augusto de Sousa, (encadernador) 1 estatuta representando a sublimidade do estudo; Elvira da Costa, 1 artístico porte-reloj, bordado a perlé e pêrolas; Ruth Antea de Araújo, 2 bonitos paiteiros de «biscuit»; Sindicato Único dos Operários da Construção Civil, 1 periquito de porcelana e um original palheiro de louça antiga; Vergílio Palma, 1 robusto bêbê de pasta; Valadas Ramos, 1 botão de rosa em papel, e 1 par de elegantes solitários foscos desenhados; José Maria, 1 original tinteiro de cristal com fundo de metal branco niquelado; Maria do Céu Cerejeira da Cruz, (professora primária) 1 estojo com uma caneta de prata.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

As Associações de Compositores e Impressores Tipográficos ofereceram uma poesia alusiva ao aniversário da Batalha escrita pelo nosso camarada do Pôrto Álvares Pereira, e primorosamente composta de cristal fino com o fundo de metal prateado e uma interessante caneta de marfim, lavrada, tendo numas das extremitades uma moanha segurando um facho.

De L. S., 2 molduras para retratos; Joaquim Carreira de Barros, 1 livro de Silva Mendes «Socialismo Libertário ou Anarquismo»; Quilherme Dias, 1 duro (moda espanhola, de prata); José Amorim, um estojo contendo um finíssimo sabonete em forma de porco.

A comissão continua recebendo prendas que se destinem à quermesse, e que todos os amigos de A Batalha ofereçam.

Continua à venda o resto dos bilhetes para a récita de sexta-feira no Teatro Apolo.

A BATALHA

O GRANDE DESVAIRO...

Um poder divino que vem soprando a guerra por toda a Europa

Paris, 15 de Fevereiro.—O imperialismo fascista originou já uma grande e muito dissidência com a Alemanha. A polémica suscitada foras das chancelarias, no parlamento e na imprensa, ainda causou inquietações, por se debaterem furosumamente os nacionalismos exaltados.

Refiro-me novamente à questão do Tirol. O território litigado, que o tratado de São Germano entregou à Itália, estende-se ao longo do Brenner e dos cumes alpinos até à região do Po, incrustados ainda os vales da Eisack e Adige. Grande parte da população é germânica, que o governo de Roma quer italianoizar.

Mussolini pensa certamente que detém um poder indestrutível. E nesta sugestão não oculta os seus propósitos imperialistas. A propósito das manifestações nacionalistas, a cuja repressão se recusou o gabinete de Berlim, o senhor da Itália declarou: «O Brenner não é um ponto de chegada—é um ponto de partida!» Não é difícil saber-se que assim Mussolini ameaçou de invadir a parte norte do Tirol, que ainda se conserva no território austriaco.

Os alemães retorquiram que não pensavam contestar as fronteiras do Brenner, mas não admitiam que a população germânica fosse oprimida. E após três discursos do sr. Stremann, alemão, e Mussolini, italiano, nos respectivos parlamentos, o incidente foi abruptamente fechado pelo sr. Mussolini. A-pesar-disso, a rivalidade entre os dois poderes—o racismo germânico e o fascismo italiano—persistiu, ameaçando a tremula paz europeia.

O imperialismo inglês está favorecendo a expansão do imperialismo fascista

A arrogância de Mussolini não se apoia apenas no fascismo e no grande exército que a Itália possui actualmente. O imperialismo da Gran-Bretanha também anima fortemente o imperialismo romano. Afirma-se mesmo, sem que os meios oficiais desmintam, que o governo conservador concluiu um tratado secreto com a ditadura fascista.

Para o seu predominio no Oriente e no Mediterrâneo viu a Inglaterra a grande conveniência de se entender com a Itália, afastando embargos que ameaçam a influência nos países mediterrânicos, que agravam a insolente questão de Mussolini, que dificultam toda a política colonial do império britânico.

Para a realização do seu sonho imperialista encara o sr. Mussolini a vantagem de entendimentos com a Inglaterra, anulando eventualidades inquietadoras nas suas ambições sobre a África.

Não admira, pois, que os dois governos se concertem para compartilharem do domínio no Mediterrâneo. O que é grave é que a França se inquieta, embora dissimile, da sorte do território situado ao sul e da sua colónia da Tunísia, ao norte de África. E a justificar as inquietações dos círculos governamentais franceses vem aquela frase retumbante de Mussolini: «O ano que começa virá a ser o início da era napoleónica do fascismo.

O imperialismo romano encontra, porém, grandes obstáculos. Nas suas pretensões de um império colonial colocam-se em antagonismo com as reivindicações dos alemães sobre a recuperação do seu antigo domínio colonial. Este antagonismo agrava-se com a política de expansão da Itália para o interior de territórios que têm uma população alemã que não se dispõe a submeter-se ao jugo dos romanos. São 250.000 alemães, pelo menos, que protestam vigorosamente contra a tirania fascista e não querem perder a sua nacionalidade. E, como resposta a tais protestos, Mussolini já declarou que não permitiria a menor controvérsia e que a lei fascista se ha-de aplicar com a fria severidade de... um poder divino!

Para abafar o protesto internacional fundou-se um super-fascismo que se curva diante do papa

A guerra parece ser atavismo dos ditadores da Itália. Afogada a oposição no interior, criou-se o super-fascismo para afogar o protesto do exterior e tornar ao apogeu o império romano. *O Império*, jornal superfascista, refere-se nestes termos à situação da marinha de guerra francesa:

«O dilema não pode ser outro: ou a França fará a guerra à Itália e se encontrará então na impossibilidade de apelar para as suas reservas coloniais e na necessidade de abandonar os seus domínios; ou a França fará a guerra nas costas italianas e então, se quiser obter a aliança da nação italiana, terá de ceder amigavelmente o nosso favor de uma boa parte das suas possessões africanas e austriacas que hoje ameaçam de se revoltar.»

Razão tem a Europa para andar sobressaltada. O fascismo é o sopro trágico dum nova guerra. A Iugoslávia, por exemplo, também não escapou ao tal poder divino emanado de Mussolini; e a palavrão do novo deus, senhor da Itália, príncipe do mundo—e talvez do universo—é um sonoro brado belicoso.

O órgão de Federzoni, *Idea Nazional*, ora extinto, cravava de injúrias, acompanhado do *Popolo d'Italia*, o órgão do irmão de Mussolini, essa nação constituída por servos, croatas e eslovénos, sob a genérica denominação de Iugoslávia.

O fascismo não desiste de se apossar do litoral desta nação, visto que quer o domínio absoluto do Adriático. No inverno último houve demonstrações fascistas de hostilidade em Trieste, e os eslavos responderam com idênticas manifestações em Spalato e Sebenico. Ante o desagrado dos serviços, Mussolini apresentou desculpas ao governo iugoslavo e repetiu-as na ocasião em que o chefe deste governo fez no Parlamento de Belgrado um discurso violento contra os fascistas.

Agora anda Mussolini oferecendo uma aliança à Iugoslávia, sob o pretexto dum provável desagregação da Pequena Entente, dum próxima fusão da Áustria e da Alemanha e dum consequente ameaça à segurança do Estado iugoslavo.

—Estendes-vos à mão—disse Mussolini aos governantes iugoslavos. Mas estes deixaram-se ficar em reflexões, porque muito justamente desconfiam da ambição fascista, que ainda há dois meses era hostilidade.

Com o Papa outro conflito se estabeleceu. O cardeal Gasparri continuou no seu lugar, com a confiança de Pio XI. Soltaram-se o caso com um triunfo diplomático da Igreja, mas logo o jornal *Tevere* anunciou a publicação de revelações graves contra o cardeal Gasparri. O Vaticano soube que tais revelações seriam as cartas que o secretário de estado da Santa Sé dirigiu durante a guerra aos governos alemão e austriaco, aconselhando-os a solicitar a paz e manifestando solicitude para com os antigos impérios centrais.

Estas cartas foram levadas por agentes de Sonnino em malas diplomáticas e depositadas nos arquivos do Quirinal. Ultimamente Mussolini confiou essas cartas ao *Tevere*, que anunciam estreondosamente a sua publicação. O Papa exigiu de Mussolini o respeito pelas prerrogativas da Santa Sé, que não permitiram a publicação das cartas e enviou notas de protesto às potências junto de si acreditadas.

Sentido a extrema gravidade da questão, Mussolini retirou os documentos ao *Tevere*, ao qual ordenou que cessasse imediatamente a polémica. Vê-se que o fascismo se despenha numa forma que incendiaria novamente as nações europeias numa guerra criminosa.

Piccolo ROMANO

1919-1926

O APARECIMENTO DE "A BATALHA"

Uma data é uma ideia que se faz cifra; é uma vitória que se condensa e resume em um número lúmioso, e que responde sempre na memória dos homens.

Victor Hugo

Há sete anos, numa manhã desejada ouvimos um pregão sonoro: —Cá está a Batalha!

Era a consumação de um facto que constituía uma necessidade para a classe operária organizada e para os trabalhadores em geral; era uma nova tentativa de publicação de um diário operário que defendesse os princípios sindicais revolucionários e que causticasse dia a dia todas as injustiças que são a base fundamental da sociedade capitalista.

Foi depois de um movimento revolucionário, em que o proletariado se viu envolvido para defender liberdades conquistadas e que teve por consequência a queda de um governo tirânico que tinha deportado para as plagas africanas algumas dezenas de trabalhadores rurais, pelo crime de serem organizados, que apareceu à publicidade *A Batalha* afirmando quais os objectivos da organização operária revolucionária.

O que tem sido a sua vida durante estes sete anos, todos conhe-

cem: as perseguições dos governantes e respectivos cabos de esquadras, que a seu belo prazer tem suspenso por várias vezes, com o fim de a prejudicar materialmente; a má vontade ainda de alguns trabalhadores que não querendo preocupar-se com a sua situação, dão preferência aos jornais que os atacam e defendem a sua condição de escravos. A-pesar-de tudo isto *A Batalha* conta sete anos de vida porque tem tido a norte-a-lá uma aspiração ideal: a emancipação dos trabalhadores, chamando-os à realidade das coisas e dos factos, para que num futuro próximo estejam aptos a fazer a revolução proletária.

Saudando no dia de hoje, o do seu 7.º aniversário, *A Batalha*, faço votos para que se não arrede um só momento dos princípios que tem sido a base essencial da sua existência.

Lisboa, Fevereiro de 1926.

Jerónimo de SOUSA

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo da Graça do Divor.—Respondeu ao ofício enviado pelo secretário do conselho com urgência, e mandem credencial para delegados.

Núcleo de Aljustrel. Idem.

Núcleo do Barreiro.—Mandem delegados à reunião do conselho federal de hoje, devido a um assunto a tratar no mesmo que se prende com esse núcleo.

Secção Federal do Norte.—Segue o recibo do dinheiro que enviai.

Núcleo de Faro.—Recebemos ofício e segue o expediente pedido.

Prosseguem hoje na nossa sede as festas comemorativas do aniversário da «Batalha».

O REGIME DOS TABACOS

Na magna assemblea do pessoal foi aprovada a Representação a entregar ao ministro das Finanças e que contém as alterações à proposta de lei em discussão no Parlamento

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em nome das delegacias do pessoal das fábricas de tabacos, algumas modificações à proposta de lei que o Parlamento vai discutir sobre o novo regime dos tabacos.

Cerca das 18 horas de ontem a voz do decano dos manipuladores de tabaco Joaquim J. Rocha reboou no vasto salão da «A Voz do Operário». Estava aberta a sessão em que seria apresentada a cópia da representação que vai ser entregue ao ministro das Finanças a qual propõe, em